PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A LEITURA E A ESCRITA COMO INSERÇÃO DESDE A INFÂNCIA

PATRÍCIA APARECIDA DE MELLO STEVANIN

Resumo:

A educação infantil atualmente se orienta por uma função pedagógica que diante desse contexto, entende-se que essa etapa da educação básica desempenha papel fundamental no processo de ensino da leitura e da escrita das crianças, pois é um processo de construção de conhecimento inerente à infância, não podendo ser ignorado pela instituição escolar. Uma prática pedagógica é uma prática social realizada entre sujeitos, constitui-se na e com a linguagem em todas as suas formas verbais, não verbais, multimodais. O trabalho realizado na pré-escola deve, assim, considerar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita num processo de inserção no contexto das práticas sociais.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação Infantil. Letramento.

INTRODUÇÃO

A cultura da escrita na vivência humana acontece desde o seu nascimento, no quais há muitas letras e palavras que circulam na sociedade e no universo infantil gira em torno das histórias, brincadeiras, escritas espalhadas no campo familiar e onde a criança circula.

A justificativa do trabalho é que a comunicação social deve ser foco de aprendizagem escolar desde a infância, nos quais as atividades de brincadeiras, jogos, leitura, entre outros, pode ter foco o trabalho da linguagem, em constante aprimoramento sequenciais. A relação da sociedade e culturas depende das comunicações para então a inserção social.

Gontijo (2018) coloca que a sala de Educação Infantil deve ser um espaço que motive e incentive a criança a descobrir o novo é nessa fase, na escola, que deve ser apresentado a histórias, os contos, músicas e trabalhar o conhecimento dos objetos que estão ao seu redor, considerando que respeitar o desenvolvimento e o ritmo da criança na Educação Infantil é indispensável, no qual apresentar a ela tudo o que ela pode aprender/descobrir, mas jamais exigir que ela saiba de tudo, esperar que a compreensão venha de acordo com o ritmo de cada criança.

Deste modo, como alfabetização e letramento pode fazer parte da infância com foco para inserção social?

O objetivo geral do trabalho é analisar a alfabetização e letramento desde a infância como fonte da inserção social e como objetivo específicos verificar a cultura da escrita para inserção social e a importância da alfabetização e letramento na infância.

A metodologia é uma pesquisa bibliográfica dentro de artigos, livros, revistas, feito buscas dentro do tema alfabetização e letramento, contando com a colaboração de Gontijo (2018), Santos (2010), Brasil (2016).

DESENVOLVIMENTO

A CULTURA DA ESCRITA PARA INSERÇÃO SOCIAL

Na fase da Educação Infantil, conforme Gontijo (2018) primeiramente a criança vai perceber que a palavras é som, e será possível que isso aconteça quando se trabalha muito com cantigas, parlendas, rimas o educador deve usar de diferentes metodologias com o objetivo de trabalhar o som das palavras.

Desta forma, Gontijo (2018) coloca que a aprendizagem inicial da língua escrita se inicia antes mesmo da entrada da criança na instituição escolar, assim, na Educação Infantil, esse processo continua respeitando o desenvolvimento cognitivo e o psicológico da criança, para que o educador ajude a criança a avançar na aquisição da língua escrita, ele deve conhecer os desenvolvimentos que ocorre simultaneamente no processo de alfabetização e letramento, que é o desenvolvimento psicogenético, consciência fonológica e conhecimento das letras.

Desenvolvimento psicogenético: a aprendizagem da criança vai além da escola, ela reúne seus saberes culturais, sociais com o que aprende na escola de acordo com sua maturidade. Consciência fonológica: a criança primeiro aprende o som das letras, percebe o som de cada letra na palavra e a partir desse conhecimento consegue assimilar o som da palavra com a palavra escrita. Conhecimento das letras: Depois que a está familiarizada com o mundo escrito a criança começa a assimilar os sons com as letras e já é possível formar as primeiras palavrinhas por escrito. (GONTIJO, 2018, p. 13).

Gontijo (2018) coloca que a Educação Infantil tem que se preocupar em proporcionar um ambiente alfabetizador, apresentando o mundo letrado através de histórias e imagens, apresentar as vogais, números até 10, noções de grandezas e medidas tudo com uma metodologia lúdica com músicas, brincadeiras de uma maneira agradável que despertam o interesse da criança, mas, jamais exigir que a criança saiba de tudo.

Assim, Gontijo (2018) coloca que se uma professora de Educação Infantil tem o costume de contar histórias mostrando as

imagens no livro para seus alunos, no dia que ela levar estes alunos para biblioteca e apresentar á eles esses livros, eles se lembrarão da história contada pela professora, farão leitura de imagens e contarão a história talvez da mesma forma que a professora contou ou usará sua imaginação e criará outra história.

Araújo (2017) considera que a Educação Infantil tem um papel importante a assumir na inserção das crianças na cultura escrita, na formação de leitores e de usuários competentes da linguagem escrita, entendendo esses aspectos como produção de cultura e defendendo o direito das crianças à cultura letrada.

A ideia não é ensinar as crianças a ler na Educação Infantil e sim apresentá-la à escrita para que quando elas forem alfabetizadas tudo isso já seja comum para elas e o processo de ensinar a ler e escrever se torne mais fácil, pois não é algo desconhecido para elas. É importante que o adulto (professor e/ou responsável) desde cedo ao contar uma história para as crianças ir mostrando as ilustrações e fazer perguntas durante a história para fixar e ajudar as crianças a entenderem o que estão ouvindo e depois da contagem da história perguntar as crianças sobre o que é a história, o que as crianças entenderam e pedir para elas recontarem o que foi contado (GONTIJO, 2018, p. 12).

Logo, Araújo (2017) coloca que diante desse panorama, é preciso ser assegurado ao se pensar sobre as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil, sendo preciso construir referenciais teóricos e práticos consistentes para discutir sobre o que significa ler e escrever na Educação Infantil e assegurar as conquistas teóricas e legais do campo. Princípios tais que o brincar como cultura da infância e modo próprio de as crianças pequenas aprenderem, bem como da escrita como prática social à qual as crianças têm direito e pela qual se interessam desde cedo.

As crianças são sujeitos socioculturais e históricos em processo constante e contínuo de desenvolvimento e aprendizagem. Conceber o trabalho pedagógico em uma dimensão cultural é o caminho mais substantivo para se pensar na abordagem da linguagem escrita na educação das crianças, desde o início de sua inserção no sistema educacional, como acontece, fora da escola, na sua interação com a cultura (ARAÚJO, 2017, p. 358).

Luciano (2013) coloca que neste sentido, é imprescindível uma melhor compreensão acerca do conceito de alfabetização e letramento, já que existem discursos e posicionamentos variados, que partem de autores que versam sobre o tema, da legislação vigente e dos professores que atuam na Educação Infantil, assim, esses discursos diversos, podem fazer com que o assunto seja estudado com diferentes olhares, mas também pode acontecer de representarmos tanto alfabetização quanto letramento de modo fragmentado, suprimindo e confundindo as especificidades de cada um.

Tedeschi (2007) coloca que a educação infantil deva atender as crianças pequenas em suas necessidades emocionais, sociais, afetivas, físicas, num espaço aonde as ações desenvolvidas estejam voltadas também para o desenvolvimento do conhecimento, da criatividade e da autonomia, mas é preciso que este espaço seja um ambiente estimulante e rico em desafios, um espaço no qual a criança, entre tantas habilidades desenvolvidas, possa também ampliar seu universo cultural por meio do contato com a leitura e a escrita reconhecendo sua função comunicativa.

Silva e Rodrigues (2011) coloca que com essas práticas direcionadas à alfabetização vivenciadas na pré-escola, as crianças estão rodeadas de eventos de letramento nas diversas esferas da vida social, nos quais dentro das instituições educativas, essas ações podem ser vivenciadas em maior ou menor grau, dependendo do trabalho da educadora, isto é, caso ela considere relevante propiciar condições para a promoção do desenvolvimento não apenas da alfabetização, mas também do letramento.

As exigências atuais de alfabetização reivindicam a formação de sujeitos que saibam, além de ler e escrever, fazer uso competente dessas habilidades de acordo com as demandas sociais. (SILVA; RODRIGUES, 2011, p. 1).

A educação infantil desempenha papel efetivo, do ponto de vista pedagógico, garantindo às crianças aprendizagem de novas formas de expressão. Nesse contexto, se há a valorização de sua realidade e de seus conhecimentos prévios, o aprendizado das técnicas de leitura e escrita é, sem dúvida, beneficiado. (SILVA; RODRIGUES, 2011, p. 2 -3).

Deste modo, conforme Silva e Rodrigues (2011) a função pedagógica da préescola envolve o favorecimento de novas aprendizagens, considerando as crianças como parte da totalidade que as envolve, nos quais todas as atividades desenvolvidas nessa etapa de ensino precedem, de alguma forma, a aprendizagem das técnicas de leitura e escrita e, sem dúvida, beneficiam o processo de alfabetização.

Santos (2010) tem a concepção de que a educação infantil como um espaço de desenvolvimento integral das crianças surja como uma crítica a ênfase dada a preparação para o ensino fundamental em sua concepção como etapa preparatória para a vida escolar, nos quais inúmeras atividades relacionadas ao aprendizado da linguagem escrita permeiam as instituições de educação infantil, mas a criança não é apenas um sujeito que necessita alfabetizar-se.

Deste modo, a pedagogia de projetos, segundo Santos (2010) é uma alternativa que

vem sendo cada vez mais recorrente para desfragmentar as atividades educativas nas escolas, para integrar conhecimentos, assuntos e atividades com objetivos claros e que façam sentido para as crianças, sendo importante recurso para conseguir (ou pelo menos tentar) contribuir com o desenvolvimento integral das crianças.

Por isso, acredito que a educação infantil seja um espaço da brincadeira e da ordem, do canto e do silêncio, da fala e da escuta, do lúdico e da seriedade, da criatividade e da reprodução, do individual e do coletivo, da emoção e da razão, pois é essa a complexidade da vida e do mundo, portanto são essas as aprendizagens que devemos buscar oportunizar aos pequenos. E talvez esse seja o ponto de partida para o tão almejado desenvolvimento integral das crianças: considerá-las como sujeitos complexos em um mundo complexo, que buscam ler, interpretar e escrever do/com/para o mundo (SANTOS, 2010, p. 32).

Assim, segundo Santos (2010) a brincadeira e a interação, ou socialização, são atividades de grande importância na educação infantil, mas não basta apenas oferecer brincadeiras dirigidas onde a criança precisa responder e agir de acordo com o que a professora espera, para que aprenda determinados conteúdo ou até comportamentos, mas é preciso que a criança interaja com autonomia, expressando seus pensamentos e opiniões, criando e transformando brincadeiras, se escrevendo no mundo, com o mundo e para o mundo.

As interações com enunciados de discursos de diferentes naturezas possibilitam apropriações também diversas. As crianças participam de uma série de situações de utilização da língua que vão lhe permitir pensar sobre esse elemento da cultura. Mas, ao fazerem isso, não apenas levantam hipóteses até chegarem a compreender a natureza alfabética da língua escrita, mas também observam que as diferenças entre língua oral e língua escrita dizem respeito às condições de produção do discurso: a comunicação oral acontece no imediato e local, a escrita permanece no tempo, ganha outros espaços e tem regras convencionadas, o contexto da enunciação determina o grau de explicitação textual, por sua vez, o nível de formalidade vai exigir um maior ou menor planejamento do que se diz, etc. (BRASIL, 2016, p. 42).

Silva e Rodrigues (2011) coloca então que na pré-escola, o trabalho direcionado ao processo de aquisição das referidas técnicas se realiza de modo mais evidente e sistemático, por isso a opção nesta investigação por essa etapa da educação infantil, sob essa perspectiva, o trabalho desenvolvido na pré-escola deve ser sistemático e intencional, direcionado à construção de novos conhecimentos, além de ser permeado por condições que eleve a qualidade da educação.

Assim, Araújo (2017) argumenta que há o pressuposto de que a linguagem escrita seria um conteúdo escolar distante e formal, que se aprende por ações exaustivas e mecânicas, não adequadas aos pequenos e a seus modos de aprender, nem a uma concepção de linguagem como interação social.

IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA INFÂNCIA

Silva (2010) coloca que uma das necessidades primordiais do ser humano é a comunicação, pois desde seu surgimento, o homem tem deixado marcas impressas que representam suas vidas, anseios, desejos, medos, lendas etc. E saber ler e escrever por muitos anos no Brasil, era o sonho da maioria dos brasileiros, que até então eram excluídos do processo ensino aprendizagem. Tratava-se de um país praticamente de analfabeto.

Silva (2010) faz a crítica que em pleno século XXI, ainda tem muito que caminhar e conquistar, embora o acesso à escola e ao Ensino Fundamental seja um direito garantido nas leis nacional, muitas pessoas passam pela escola e saem sem saber ler e escrever como deveriam, isso tudo por uma série de fatores socioculturais e econômicos que interferem diretamente no processo de escolarização.

Deste modo, Silva (2010) questiona que não há dúvida quanto à importância da alfabetização com letramento, pois sem ler e escrever tudo fica mais difícil, desde a leitura de uma simples receita até à mobilidade social, ou seja, do ir e do vir, tornando-se um tormento para uma pessoa analfabeta, no qual o mercado de trabalho então é outra aflição, pois sem saber ler ou escrever os sujeitos estão no mundo, mas ao mesmo tempo, estão à mercê do mesmo porque se tornam excluídos ou são privados de viver plenamente sua cidadania.

Pode-se dizer então que a compreensão e concretização do processo de alfabetização vão muito além dos métodos de ensino. Muitos fatores determinam uma compreensão maior ou menor da língua escrita como sistema. Por isso, a maioria das crianças, conforme a idade, já chegam à escola com suas hipóteses de escrita, com movimento em direção às características da escrita, vistas nos textos socialmente significativos. Por exemplo, a criança reconhece rótulos de produtos por ela consumidos, levando-as a construírem por si próprias, estratégias e hipóteses cada vez mais relevantes para a elaboração de leitura e escrita. (SILVA, 2010, p. 20).

O brincar assume, conforme Brasil (2016) um papel preponderante no desenvolvimento da criança, ao realizar um elo entre a linguagem e o mundo, no qual a separação, ou inversão, na relação entre objeto e significado e, posteriormente, entre ação e significado, predominando o significado sobre os

objetos e as ações, leva ao pensamento abstrato e também ao desenvolvimento da vontade e da capacidade de fazer escolhas conscientes, logo, é um movimento de inversão, proporcionado pelo brincar, que acontece no campo dos significados, ou, melhor dizendo, da linguagem.

Silva (2010) considera que as sociedades estão centradas cada vez mais na escrita, com o simples saber codificar e decodificar as palavras, por meio do código linguístico, isto é, ser apenas alfabetizado sem letramento, tem-se constituído condição insuficiente para responder com autonomia e consciência às exigências e necessidades do mundo contemporâneo.

Brasil (2016) coloca que quando a criança começa a desenvolver a escrita simbólica, dominando as formas culturais exteriores, tanto as presentes no meio informal quanto por meio do estudo sistemático escolar, apresenta novamente características da fase de escrita não diferenciada, pela qual já havia passado, pois, o fato de aprender aspectos externos da escrita, como a forma das letras, não significa que a criança imediatamente passe a compreender internamente a escrita, mas ainda lhe falta descobrir como usar esses signos, portanto, uma relação dialética da criança com a escrita, pois, ao mesmo tempo que emprega sucessivamente novos expedientes e os transforma, a criança também é modificada nesse processo.

Deste modo, conforme Brandão e Rosa (2011) a brincadeira acontece de modo espontâneo pela criança, as brincadeiras de encenar, de ler e de palavras devem acontecer de forma lúdica e prazerosa, podendo estar na classe da Educação Infantil sem imposições, assim, em uma concepção construtivista, é possível ter um ensino prazeroso tendo crianças que brincam com a língua, observando os segmentos sonoros e escritos.

Através da consciência fonológica, conforme Brandão e Rosa (2011), são habilidades distintas (identificar, produzir, contar, segmentar, adicionar) junto com as unidades linguísticas, torna-se possível a capacidade de manipular fonemas, unidades sonoras como sílabas e rimas, no qual a consciência fonológica tem uma relação dialética com a alfabetização, pois um nível mínimo de reflexão sobre a língua é exigido pela escrita, onde o sistema de escrita alfabética está relacionado com o desempenho das habilidades de reflexão metafonológica, é uma condição necessária, mas não suficiente para o sucesso da alfabetização.

Quanto à apropriação a escrita, Brandão e Rosa (2011) coloca que conhecer as letras do alfabeto não é suficiente para que as crianças se apropriem da escrita alfabética e consigam ler e escrever com autonomia, mas é um conhecimento necessário, sendo muito comum crianças da Educação Infantil aprender letras do alfabeto na escrita de imprensa como uma prática antiga que se relaciona a uma perspectiva empirista de ensino-aprendizagem que pressupõe letras que o aluno aprenda grafá-las por meio de memorização e treino gráfico para poder ler e escrever as letras ensinadas.

As crianças podem vivenciar atividades voltadas para o sistema alfabético de escrita e para ampliação de experiência de letramento, mas isso não irá alfabetizálas. Um processo de aprendizagem de língua escrita na escola deve ter a exploração não só de letras do alfabeto, mas textos, palavras, tanto gráficas quanto sonoras e a relação de uma com a outra (BRANDÃO; ROSA, 2011).

A produção de texto pelas crianças deve ser estimulada, escreverem da forma como sabem, escreverem sozinhas ou coletivamente. Escrevendo de forma coletiva, a criança aprende a lhe dar de forma interativa com o grupo. Esse processo se constitui realmente quando a professora se propõe a criar um espaço de mútua colaboração e comunicação. Desta forma, as crianças confrontam ideias, conhecimentos, expressam pensamentos, sentimentos, valores e desenvolvem competências para selecionar e avaliar as mais adequadas ideias e informações que deverão constar no texto, buscando sempre sentidos para o texto (BRANDÃO; ROSA, 2011).

A oportunidade de participar de eventos de letramento na Educação Infantil também traz contribuições importantes no processo de construção conceitual da criança sobre o sistema de escrita alfabética. Ao ver a professora escrevendo textos em diferentes situações, as crianças pensam sobre o que a escrita representa e constroem conhecimentos que serão mobilizados nos momentos em que tiverem que ler ou escrever de forma autônoma. (BRANDAO; ROSA, 2011, p. 123).

As possibilidades da escrita de texto da criança da Educação Infantil, conforme Brandão e Rosa (2011), acontecem não somente escrevendo na frente das crianças, mas é preciso planejar para que a criança escreva "com a boca" e com as mãos, devendo estar inserido a produção textual no cotidiano da Educação Infantil estando vinculadas com as práticas sociais para ter um significado para a criança, como escrever para alguém, tendo uma finalidade clara e um destinatário, a criança em algum momento da vida vai se deparar com a tarefa de escrever um texto e pensar sobre para que, para quem e o que pode se escrever.

Um grande desafio de quem aprende a ler e a escrever é se adequar aos recursos da oralidade e da escrita, desenvolvendo a capacidade de explorar as características do meio escrito para criar significados adequados. Através do meio oral é feita a comunicação face a face, estando o interlocutor presente, podendo se apoiar em informações contextuais e não precisa ser planejada. Se

processa conforme a reação dos interlocutores (FARACO, 2012).

Já a comunicação por meio escrito não conta com a presença do interlocutor, mas é preciso que o meio escrito alcance alto grau de explicitação textual e mesmo não contanto com a presença física do interlocutor prevê possíveis reações, exigindo um planejamento prévio. Quem começa a trabalhar coma escrita deve aprender a se ajustar sua expressão se colocando como autor e leitor, o meio escrito pode ser destinado a uma comunicação à distância (FARACO, 2012).

Muitas atualizações significativas mudaram as práticas sociais da escrita, apareceu o espaço do meio eletrônico, várias tradições discursivas construídas na era do domínio do livro e de outras mídias impressas. Os textos saem quase no ritmo da fala, predominam as variedades linguísticas. "Estamos vivendo, portanto, um tempo pleno de novas experiências interacionais e de consequentes mudanças na expressão verbal, seja na oralidade seja na escrita." (FARACO, 2012, p. 52).

Mas as tradições discursivas historicamente constituídas não estão abandonadas, muitas continuam valendo para determinadas situações ou influenciando e recebendo influências das novas tradições que estão em construção (FARACO, 2012).

A escrita alfabética é uma base fonológica que tem como referência uma representação abstrata de uma articulação sonora da língua, não propriamente da pronúncia (FARACO, 2012).

Há inúmeras formas de desenhar concretamente uma mesma letra (maiúscula, minúscula, manuscrita ou de forma), mas todas são realizadas na mesma unidade gráficas chamadas grafemas. Isso pressupõe que um aprendiz alcance o nível de abstração, que saiba desvincular a fala e ao mesmo tempo reconhecer formatos gráficos. Mesmo a escrita tem a relativa autonomia, tem o modo oral como ponto de referência, onde o aprendiz deve depositar confiança nessa relação e se apoiar para os passos iniciais na apreensão do sistema alfabético (FARACO, 2012).

Deste modo, o domínio do sistema alfabético exige qualidade. A mediação será feita pelos sons da fala, estabelecendo uma correlação entre fonação e escrita. É também utilizada a memória etimológica, que tem a função cultural que introduz graus de irregularidades e imprevisibilidades para exigir estratégias de aprendizagem específicas, mas sem a confiança da mediação dos sons da fala. A entrada da escrita alfabética oferece múltiplas oportunidades de aprendizagem (FARACO, 2012).

Facchini (2014) considera que em uma sociedade letrada e produtora de escritas, deveria ser natural pensar a leitura e a escrita como integrantes do cotidiano da criança desde seus primeiros meses de vida, pois embora não saibam ler, no sentido estrito da palavra, as crianças podem mergulhar no universo da literatura e interagir com a leitura por intermédio de seus familiares, cuidadores e professores.

Facchini (2014) considera necessário que as escolas de educação infantil assumam o papel de mediadoras entre a criança e a cultura escrita, cientes de que seu trabalho pode promover, resgatar ou ampliar o desejo pela leitura e auxiliar na formação de sujeitos efetivamente leitores/escritores.

Deste modo, conforme Brasil (2016) desde bem pequenas, muitas delas têm acesso a jogos, histórias, informações pela mídia digital, no qual é importante considerar que esses bens culturais nem sempre estão disponíveis para todas as crianças, sendo, inclusive, mais um fator de segregação, sendo as mídias digitais que têm provocado formas de ler específicas que exigem das crianças leituras simultâneas de imagens, ícones, letras, sons.

CONCLUSÃO

A leitura e a escrita na educação infantil, deve ser um trabalho que além de desafiador para a criança, seja prazeroso, voltada muito mais para a descoberta da função, da utilidade da linguagem escrita no mundo social do que para a busca de uma escrita correta nesse momento, ou seja, letrar é mais que alfabetizar, visto que a alfabetização se desenvolve em um contexto de letramento com o início da aprendizagem da escrita, com o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais.

Conforme pesquisa, o processo de alfabetização vai muito além dos métodos de ensino, nos quais muitos fatores determinam uma compreensão maior ou menor da língua escrita como sistema, assim, a maioria das crianças, conforme a idade, já chegam à escola com suas hipóteses de escrita, com movimento em direção às características da escrita, vistas nos textos socialmente significativos. Por exemplo, a criança reconhece rótulos de produtos por ela consumidos, levando-as a construírem por si próprias, estratégias e hipóteses cada vez mais relevantes para a elaboração de leitura e escrita.

Deste modo, conclui-se que escolas de educação infantil devem assumir o papel de mediadoras entre a criança e a cultura escrita, cientes de que seu trabalho pode promover, resgatar ou ampliar o desejo pela leitura e auxiliar na formação de sujeitos efetivamente leitores/escritores para sua inserção social.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Liane Castro de. Ler, escrever e brincar na educação infantil: uma dicoto-

mia mal colocada. Revista Contemporânea de Educação, vol. 12, 2017.

BRASIL. Crianças como leitoras e autoras / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC /SEB, 2016.

FACCHINI, Luciana. O letramento na perspectiva das crianças da educação infantil. Feevale, 2014.

GONTIJO, Arlete Abade de Melo. Alfabetização e letramento na educação infantil. Aparecida de Goiânia: Associação Educacional Nossa Senhora Aparecida Faculdade Nossa Senhora Aparecida, 2018.

FARACO, Carlos A. Linguagem escrita e alfabetização. São Paulo: Contexto, 2012.

LUCIANO, Hélio José. EDUCAÇÃO INFANTIL: letramento ou alfabetização? Eis a questão. Educere, 2013.

SANTOS, Giselle Mendes dos. O Processo de Alfabetização na Educação Infantil: Percursos de uma Professora-Pesquisadora. São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

 SILVA, Letícia Aparecida de Oliveira; RODRIGUES, Renata Rena. Letramento e alfabetização na educação infantil: concepções e práticas de educadoras do pré-escolar de ouro preto-MG. Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 22, n.1, p. 25-45, 2011.

TEDESCHI, Jane Mary de Paula Pinheiro. A Professora de Educação Infantil e a Alfabetização: Relação Entre a Teoria e a Prática. Campo Grande – MS: Universidade Católica Dom Bosco, 2007.